

“A TRAJETÓRIA DA CASA DE JOSÉ DE ALENCAR ATRAVÉS DA MEMÓRIA DE SEUS SERVIDORES”: breves comentários sobre uma experiência de construção da memória institucional da Casa de José de Alencar.

Frederico de Andrade Pontes – frederico.pontes@ufc.br

Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará¹

O projeto de extensão "a trajetória da Casa de José de Alencar/CJA através da memória de seus servidores", coordenado pela Museóloga da CJA, Marcia Pereira e por mim, tem grande importância, não só pelo ineditismo da pesquisa, mas também pela importante oportunidade de se perceber variados aspectos da história institucional da CJA. Uma história ressignificada e narrada por servidores técnico-administrativos que vivenciaram e participaram de diversos momentos da CJA, nos últimos 30 anos. A criação de um "arquivo de memórias" contribui para preservação de um passado que não poderia ser encontrado em outras fontes, sejam elas quais fossem. Preservar a memória da Instituição significa preservar e valorizar sua vida presente e futura. Nessa perspectiva, este artigo vem apresentar de forma concisa a experiência empírica e teórica relacionada à metodologia da História Oral empregada na construção da história institucional da Casa de José de Alencar, equipamento cultural pertencente à Universidade Federal do Ceará.

Palavras Chaves: Memória, Casa de José de Alencar, História Oral.

The extension project " the trajectory of the House Jose de Alencar / CJA through the memory of their servers ," coordinated by the CJA Museologist , Marcia Pereira and me , is of great importance , not only for the originality of the research, but also for the important opportunity to understand various aspects of the institutional history of the CJA . A story narrated by resignified and technical and administrative staff who have experienced and participated in several moments of CJA , the last 30 years . The creation of a " memory files " contributes to preserving a past that could not be found in other sources , whatever they were . Preserving the memory of the institution means to preserve and enhance their present and future life . In

¹ Artigo sob orientação do Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz.

this perspective , this paper presents a concise theoretical and empirical experience related to oral history methodology used in building the institutional history of the House of José de Alencar , cultural equipment belonging to the Federal University of Ceará .

Key Words: Memory, CasaJosé deAlencar, Oral History.

O regimento da Casa de José de Alencar, que foi criado e aprovado pela resolução número 196, de 23 de dezembro de 1966, diz que esta instituição tem como primeira e principal finalidade “I – Promover atividades de pesquisa, extensão e ensino, com relação à vida e obra de José de Alencar”. Consideramos que a própria manutenção, por parte da Universidade Federal do Ceará, da casinha que faz parte do ambiente em que o escritor de “O guarani”, nasceu, já contribui de maneira efetiva para a promoção da memória de um dos maiores intelectuais cearenses.

No entanto, para esse espaço ter, realmente, um valor cultural, é necessário fazer com que, além de ser preservado, ele seja identificado como local representativo da cultura cearense, sendo percebido como reflexo de uma expressão cultural que é apreciada e valorizada.

Nesse sentido, a Casa de José de Alencar tem ao longo dos anos construído uma autoimagem muito positiva em relação a sua posição de equipamento cultural relacionado com algo que traz orgulho ao povo cearense. Afinal de contas, José de Alencar, uma das grandes expressões da literatura brasileira, o cultuado pai da mitologia indianista, é cearense, nascido em Vila Nova Real de Messejana.

Nesse processo de construção da citada autoimagem institucional, percebe-se a força dos aspectos relacionados à própria importância cultural do autor e ao fato de ser mantido por uma instituição de enorme credibilidade perante a sociedade cearense.

Não obstante, esse processo é vivenciado e influenciado por pessoas, sejam as que visitam a Casa, sejam as que trabalham na Casa. Estas pessoas, em especial os funcionários da CJA podem nos dar, através de suas memórias, várias percepções do processo histórico e social que envolve as mudanças e permanências relacionadas à vida deste importante equipamento cultural.

Nessa perspectiva o projeto de extensão “a trajetória da Casa de José de Alencar através da memória de seus servidores”, coordenado pela Museóloga da CJA, Marcia Pereira e eu, tem grande importância, não só pelo ineditismo da pesquisa, bem como

pela importante oportunidade de se perceber variados aspectos da história da Casa, uma história vista, lembrada e narrada por pessoas que vivenciaram e participaram de diversos momentos da CJA nos últimos 30 anos.

A criação de um “arquivo de memórias” contribui para preservação de um passado que não poderia ser encontrado em outras fontes, sejam elas quais fossem. Preservar a memória da Instituição, significa preservar e valorizar sua vida presente e futura.

A história das instituições, através das memórias de seus servidores, não é um objeto de estudo desconhecido no Brasil, já existem diversas instituições brasileiras que desenvolvem pesquisas nessa direção. É o caso, por exemplo, da Petrobrás e da Eletrobrás. Esses casos são caracterizados, *a priori*, em um estilo de prática da história oral, definido por Lozano como “arquivista-documentalista”, nesse sentido, a “história oral significa principalmente criar e organizar arquivos de documentos – transcritos – procedentes de entrevistas gravadas, para sua utilização possível e futura por historiadores interessados em nossos tempos”.(LOZANO in FERREIRA & AMADO, 2006, p.21)

No caso da Petrobrás, as memórias dos entrevistados, na pesquisa desenvolvida pelo CPDOC/FGV, além de trazerem percepções acerca da dinâmica organizacional da empresa, também apresentam condições para o desenvolvimento de reflexões acerca do contexto histórico e político mais amplo, como por exemplo, a participação desses atores na campanha pela nacionalização do petróleo no Brasil.

Tanto no caso da pesquisa relacionada à memória dos servidores da CJA quanto da Petrobrás por exemplo, percebe-se como principal motivador para o desenvolvimento da pesquisa, a intenção de se criar um acervo de memórias sobre a história da instituição. Consideramos uma motivação legítima e importante, porém, acreditamos que é necessário ressaltar que a fonte oral não pode ser avaliada como simples apoio factual ou ilustração qualitativa.

Precisamos não só analisar e interpretar criticamente o depoimento, como também, a forma de como ocorre o processo de produção da fonte. É nessa perspectiva que teceremos alguns comentários acerca do processo de construção dos depoimentos dos servidores, que há mais de 30 anos vivenciam e constroem a história da Casa de José de Alencar.

História Oral e os arquivos de memória

A história oral enquanto simples método que realiza a gravação de depoimentos inicia suas atividades na metade do século XX. Sabemos que a prática de narrar memórias precede em muito a utilização do gravador. Segundo Meihy, “é a afirmação corrente que a história é tão antiga como a própria história, mas isso é vago. Fala-se mesmo que toda a história antes de ser escrita passou por etapas narrativas ou outras manifestações da oralidade aferidas há séculos”. (MEIHY, 2007, p. 92)

No entanto, para melhor contextualizar nosso trabalho precisamos compreender o conceito de história oral a partir da utilização dessa ferramenta tecnológica. Atualmente, não somente o ato de gravar eletronicamente, a ação de armazenar depoimentos orais depende de tecnologias recentes. Estas por sua vez se desenvolvem constantemente, e hoje, além de ser gravado o som, também é gravada a imagem dos entrevistados, como foi o caso das entrevistas desse trabalho.

Isto posto, podemos refletir sobre um conceito de uma moderna história oral, que nasce atrelada ao uso do gravador. “A história oral é um recurso moderno usado para elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência de social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva.” (MEIHY, 2007, p. 18)

Ao apresentarmos um dos inúmeros conceitos de História Oral, buscamos provocar a inquietude do pensar em relação às deficiências do próprio conceito apresentado. O autor coloca a história oral como recurso moderno, no sentido de recente, no entanto, a arte de narrar fatos passados é tão antigo quanto à própria ideia de história desenvolvida pelos gregos na antiguidade. Nessa perspectiva, vale salientar a importância de avaliar o contexto atual das ideias e pesquisas desenvolvidas no campo do estudo das memórias.

O conceito de história oral é bem mais amplo do que o citado acima, pois ele envolve variados fatores que trazem uma enorme complexidade de ideias e outros conceitos, como por exemplo: memória, oralidade, narrativa, fonte oral, esquecimento, entre tantos outros.

Este artigo não tem por objetivo investigar a etimologia da história oral, mas essa incipiente reflexão serviu para iniciarmos com mais atenção, a análise de aspectos relacionados à construção de um arquivo oral. No projeto aqui analisado, nos perguntamos porque foram escolhidos especificamente esses depoentes, porque os

locais das entrevistas são diferentes, como e porque esses locais foram escolhidos, como foi elaborado o roteiro da entrevista, porque foram escolhidas essas perguntas.

Na verdade, não pretendemos aqui dar respostas definitivas para esta questão, já que nossa própria experiência indica que nem mesmo o próprio pesquisador que estabelece a problemática e o objeto da pesquisa tem certeza absoluta dessas respostas. Não obstante, consideramos a análise dessas perguntas importantes no sentido de estabelecer um contexto de produção de um banco de arquivos orais. Esse contexto nos dará uma percepção geral e introdutória das entrevistas que fazem parte do acervo.

Os depoentes foram escolhidos pelo critério de maior tempo de serviço na CJA, esse critério pode ter diferentes significados, no entanto, nos objetivos do projeto é preciso deixar transparecer o porquê dessa escolha e também o porquê da não escolha de pessoas que apesar de não terem tanto tempo de serviço na Casa, tiveram vivências efetivas no trabalho e poderiam contribuir de forma importante, sob alguns aspectos, na construção das memórias da Casa enquanto instituição, como é o caso de alguns ex-diretores e servidores já aposentados ou transferidos.

O critério de maior tempo de serviço poderia trazer para o pesquisador alguns maiores cuidados na feitura da entrevista, como por exemplo, a preocupação em não estender muito uma entrevista com uma pessoa de idade mais avançada. Mas no caso específico dessa pesquisa, isso não foi problema, haja vista, a maioria dos entrevistados iniciarem na Casa, ainda jovens.

O lugar das entrevistas, a priori pode parecer uma questão não tão relevante, porém consideramos que o lugar pode trazer significados importantes relacionadas à construção do depoimento. Nessa pesquisa em especial, existem lugares diferentes para a realização da pesquisa, sendo a escolha do local feita pelo próprio entrevistado.

Percebemos que existem intencionalidades claras nas opções feitas. Um dos entrevistados pediu que sua entrevista fosse realizada na Casinha(local onde José de Alencar e bem tombado pelo IPHAN), uma das maneiras de entender esta escolha é o fato do entrevistado querer realizar seu depoimento no espaço de maior importância, o mais visitado, o mais venerado da CJA, assim deixando transparecer uma aura de importância para o seu próprio depoimento.

Outro entrevistado desejou realizar sua entrevista nos jardins da CJA, tendo como o pano de fundo a Casinha, podemos interpretar esse maior clima de “espontaneidade” como uma forma de transparecer uma ideia de maior intimidade com

a Casa, uma percepção de proximidade afetiva da sua própria casa com a CJA, que é seu espaço de trabalho.

Evidentemente, que o entrevistador a fim de construir uma relação de confiança com seu entrevistado deixa-o a vontade para a escolha do local da entrevista, no entanto é necessário avaliar bem esta questão, já que no final das contas a transcrição da entrevista pode extremamente prejudicada por ruídos externos presentes em locais como os citados acima.

O roteiro da entrevista é fundamental para o direcionamento da entrevista em relação ao objetivo e tema estabelecido no projeto. A construção do roteiro perpassa por uma profunda investigação histórica do contexto que envolve o tema da pesquisa. Nesta pesquisa, foram realizadas investigações sobre acontecimentos marcantes da Casa, registrados em fontes impressas, como jornais e documentos oficiais da Universidade.

Essa investigação preliminar serviu para orientar a construção de um roteiro que a priori não foi o ideal, mas possibilitou o direcionamento para o tema escolhido. Não obstante, a flexibilidade do uso do roteiro deve ser avaliado para cada entrevista realizada, haja vista a forma diferenciada de narrar de cada depoente.

A nossa experiência indica que é possível realizar a entrevista e contemplar todas as questões pré-estabelecidas sem necessariamente fazer todas as perguntas. É preciso estar atento e saber ouvir o entrevistado a fim de não ser repetitivo em assuntos já narrados, o que pode ocasionar uma impressão de que o entrevistador não estar dando a devida importância à fala do depoente.

A transcrição das entrevistas foi realizada e as gravações originais estão devidamente armazenadas, inclusive com cópias de segurança. Como o objetivo principal do projeto é a formação de um acervo de memórias, torna-se imprescindível a segura guarda das entrevistas coletadas, principalmente as originais. Como nos fala a escola francesa, “a fita constitui o original; a gravação é pois o documento original que se deve consultar. A testemunha pode, a posteriori, dizer que não forneceu nenhuma informação: nesse caso, é imprescindível recorrer a fita”(p.240 usos e abusos).

Após tecer alguns comentários acerca do processo de construção do acervo de memórias, objeto principal do projeto. Nesse sentido, ele se enquadra dentro de um projeto história oral de perfil arquivista e sendo assim, acaba naturalmente por não caminhar para um processo de análise crítica das entrevistas.

No entanto, os depoimentos estão lá, gravados, transcritos, esperando as perguntas que os transformaram em fontes históricas. Então, por força do ofício, não

nos furtaremos do desejo de realizar uma análise, nem que extremamente resumida, de alguns aspectos relacionados as memórias dos servidores sobre a CJA, mas que também é a nossa casa.

Memórias afetivas: “a nossa Casa de José de Alencar”

Diga lá meu coração, conte as histórias das pessoas, nas estradas dessa vida, chora essa saudade estrangulada, fale sem você não a mais nada, olhe bem nos olhos da morena e veja lá no fundo a luz daquela primavera, durma com a criança no seu colo, sinta o cheiro forte do teu solo, passe a mão nos seus cabelos negros, diga um verso bem bonito e de novo vá embora, diga lá meu coração que ela está dentro do meu peito bem guardada e é preciso mais que nunca prosseguir, prosseguir, prosseguir.

Gonzaguinha

Consideramos a emoção constitutiva do depoimento oral um componente singular, o ato de recordar experiências passadas traz além de informações valiosas, sensações que revelam muito mais que palavras, revelam sentimentos. Essas revelações fazem parte das histórias das pessoas, “nas estradas da vida”, são memórias que às vezes nos assombram, nos orgulham, nos comovem, nos estrangulam, nos paralisam, apesar que “é preciso mais que nunca prosseguir”. Para Angela de Castro Gomes,

...os documentos orais produzidos através de entrevistas exigem do pesquisador um nível de envolvimento distinto. Ele precisa neste caso de construção do documento-relato, não só na medida em que propõe questões, como também compartilha as emoções despertadas no entrevistado pela rememoração de sua vida.(.GOMES, 1998, p. 08)

Compreendemos que o ato de narrar está intimamente relacionado com o envolvimento diferenciado do pesquisador. Essas histórias que são novamente lembradas e contadas trazem consigo uma carga de intencionalidades que as tornam fontes riquíssimas de análise do passado, justamente por serem conservadas e dinamizadas no tempo do presente, segundo Benjamim, ao referir-se à história do rei egípcio Psammenit,

...Essa história nos ensina o que é a verdadeira narrativa. A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva as suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.(BENJAMIN, 1994, p. 127)

Percebemos a memória como um meio e ao mesmo tempo processo para instigar, (re)construir e (re)significar as relações entre o presente e o passado, entre o indivíduo e o social. Vale ressaltar que o trabalho de construção da fonte oral, através da realização de entrevistas, é dialógico e tem participação tanto do entrevistado quanto do entrevistador.

Nessa perspectiva, é preciso estarmos atentos à intencionalidade constitutiva da (re)construção do passado, que é relato da ação passada e nesse caso, também resíduo da ação passada. Apesar de concordarmos com a opinião de Paul Thompson, “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”: (THOMPSON, 1992, p.326)

Nesse sentido, compreendemos que os vestígios orais produzidos a partir da memória dos entrevistados, nessa pesquisa, representam construções ressignificadas de experiências passadas.

Entendemos também que essas construções são realizadas a partir da interação de dois lugares sociais diferentes, influenciadas por toda sorte de valores e concepções acadêmicas, morais ou sociais de quem pergunta e de quem responde.

Não podemos vivenciar o passado através das fontes, sejam elas de qual tipo for, porém podemos através delas produzir narrativas que trazem novos significados e novas abordagens para o processo histórico passado em suas diversas dimensões, em suas diversas “verdades”.

Na reconstrução da memória de cada um, surgem marcas fundas, recuada a um passado mais próximo ou mais distante, que não se apagam ou não se apagaram, porque envoltas em sentimentos que os estimulam a prosseguir, na luta pelo enraizamento e pela terra, para que o futuro não seja perdido. Ao seu modo, cada um sugere que essas marcas não são impressões, isto é, reflexos de objetos exteriores. Resultam de encontros em direções oblíquas, de representações, elaboradas individualmente, com as que vêm do social, ou de outras pessoas com as quais convivem, ou conviveram; ou ainda, com quem se sentem próximos, por identificarem fundamentos de experiência

O processo de reconstrução da memória institucional traz marcas profundas de um passado que se relaciona com a vida dos entrevistados. Ao tentar compreender a natureza dessas memoriais se faz necessário entender que a construção da memória institucional através das narrativas dos funcionários perpassará por uma gama enorme de elementos que envolvem além dos aspectos organizacionais, os aspectos afetivos.

Diante do exposto, vejamos alguns trechos das narrativas de alguns funcionários com mais de 30 anos, na Casa de José de Alencar, que de certa forma representam a memória afetiva da Casa.

Teresa Lucia de Oliveira Maia(Técnica-administrativa da UFC, lotada na CJA há 29 anos)

Aqui sempre foi uma Casa que ela culturalmente desde o início ela foi uma Casa administrada por técnicos administrativos, acho que vocês sabem que na Universidade tem dois tipos de servidores os técnicos administrativos e os professores e essa Casa era uma Casa que culturalmente a administração era ocupada por um técnico administrativo e quando foi em 2006, que foi quando o professor Marcondes veio pra cá foi a primeira vez que quem assumiu a direção da Casa foi um servidor professor, a gente nunca tinha trabalhado aqui com um servidor professor, só com diretor técnico administrativo e aí veio o professor Marcondes e foi assim uma fase que também...

Quando eu vim pra cá eu pensei que aqui era uma fundação era aqui. eu moro aqui em Messejana me criei aqui próximo meu avô tem um... Meu avô quando... A casa dele ainda hoje mora as minhas tias é aqui perto inclusive quando ele começou a trabalhar aqui ele disse que vinha era muito quando era criança brincar aqui no sítio, NE? Quando era dona Rolinha irmã do José de Alencar, era a dona do sítio, meu avô nasceu em 1899 o último ano do século dezenove. Aí ele tinha o que sete oito anos, morava aqui perto. Ele dizia que ela era muito severa não gostava de criança no terreno dela. Ele vinha pegar goiaba aqui no sítio dela e também pescar, porque na frente tem esse corregozinho NE? Eles iam pescar ali no córrego e a dona Rolinha não gostava. Ele falava muito nela tinha uns olhinhos muito apertadinho e longe na porta da cozinha dela ela avistava os meninos correndo de longe. Ela ia com um cipozinho pra bater nos meninos e expulsar do sítio dela. Ele comentava muito isso quando eu ia pra casa dele e dizia que trabalhava aqui e eu trouxe uma vez aqui, a gente veio ele disse que tinha uma Casa aqui, uma casa grande, via muitos meninos aqui brincando com uns álbuns antigos, tinha umas cantoneirasde ouro, umas crianças na casa que era apegado a essa casinha aí que tem uns alicerce NE?

Eu me criei aqui nessa, nesse bairro e trabalhar aqui foi muito bom até hoje eu moro aqui criei meus filhos essa casa faz parte da minha vida, meus

filhos praticamente foram criados aqui, NE? Porque as vezes não tinha com quem deixar e eu tinha que trazer e aqui era um espaço muito bom pra correr pra brincar, eles ficavam aqui e tem foto deles em todo o canto e em todas as épocas, desde bebê, com cinco, com dez, inclusive até festa de aniversário foram feitas aqui a festa de um ano da minha filha, a festa de cinco foi feita aqui, os passeios com os colegas, eles iam lá pra casa não tinha espaço lá em casa trazia pra cá e soltava aqui além de brincar ainda tinha, NE? A questão do. é isso mesmo, me sinto aqui em casa, quando eu venho pra cá eu não posso dizer que eu venho trabalhar, eu venho pra casa também, porque eu curto muito aqui eu gosto quero que isso aqui vá muito à frente as vezes eu me irrita com o descaso de quem pode fazer alguma coisa e não faz, quer fazer uma coisa que é bom pra casa no meu ponto de vista e acho que assim a gente vai a gente expõe assim o pensamento e perguntar, NE? Eu gosto dessa Casa, gosto de fazer com, que ela continue assim quero ajudar, mas meu objetivo é esse é que a Casa ela continue exercendo o papel dela que é o papel dela é perpetuar , conservar , sei lá, é garantir que as gerações futuras elas conheçam José de Alencar, conheçam esse ambiente, que possam usufruir disso aqui. É isso que eu explico pros meninos. Que tem muito aluno que chega aqui. Ah eu quero levar um tijolo, eu quero levar uma telha, pedaço de uma telha, riscar uma parede. Aí a gente propõe explicar pra eles que uma telha dessas não tem sentido nenhum na sala na gaveta da casa dele tem sentido aqui, não vai haver o mesmo sentido na casa dele, mesmo que ele bote lá como objeto de decoração não tem sentido, ela tem sentido aqui tá dentro de um contexto, mas fora desse contexto ela não tem sentido.

O meu trabalho não é só o meu trabalho é a minha vida tá toda aqui dentro, minha existência todinha se você perguntar pra qualquer pessoa da minha família todo mundo na minha família tem u azulêjo da Casa José de Alencar, aqui na casa da minha avó, na casa das minhas tias o quadrozinho da Casa José de Alencar na casa dos meu irmãos tem um quadrozinho ou então um porta joia, aí quer dizer se você falar com qualquer pessoa que me conhece você vai... se disser é a Teresa da Casa José de Alencar pronto qualquer pessoa que me conhece vai saber exatamente quem é. Quando você chegar na Messejana e perguntar não tem quem não saiba dizer... todo mundo me liga a essa Casa, a estrutura da Casa ela está dentro de mim. Os meus filhos eles não podem falar do José de Alencar, se ele falar mal do José de Alencar eles olham logo pra mim se eles disser alguma coisa errado sobre a Casa José de Alencar eles olham logo pra mim porque eu já estou olhando pra eles, qualquer pessoa que me conhece... só pra você sentir como é. Essa Casa ela não dá pra separar eu da Casa José de Alencar é eu e a Casa José de Alencar e quem me quiser de mãe de esposa de filho de tudo tem que levar a Casa de José de Alencar junto.

José Maria Silvestre Farias(Técnico-administrativo da UFC, lotado na CJA há 30 anos)

O espaço da casa significa pra mim porque eu gosto de.... É... como se diz não é de a pessoa chegar e ficar, onde que a pessoa chega e fica à vontade, se eu chego num canto apertado eu me sinto... se eu chego num canto aberto eu me sinto um alívio medonho, né? Vou ficar nesse canto que aqui tá mais confortável, vou ficar num canto que é apertado aí fica num canto mais à vontade, né? É isso.

A natureza é boa. Dá muita coisa aqui dentro, nesse lugar aqui. Dá camaleão, dá preá, dá aqueles bicho, aquele camaleão da tejú – tejo - guassú, e essas cobras também, dá tanta coisa aqui dentro, passarinho aqui era cheio de passarinho também sabiá a negrada começaram a pegar perturbar as bichinha foram se embora tudim. Tinha aqui dentro agoranum tem mais nenhuma, começaram a pegar aí a bicha shshshhs (gestos com a mão demonstrando que acabou) foram embora. E tem ali aquela árvore que tem ali, tem a jurema preta. A jurema que é bem ali assim.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 7ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSTA, Cléria Botelho da & MAGALHÃES, Nancy Alessio. *Contar história, fazer História – História, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

GOMES, Angela de Castro(coord.)FLASKMAN, Dora Rocha; STOTZ, Eduardo. *Velhos militantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

MARTINS FILHO, Antônio. *O outro lado da história*. Fortaleza. Edições Universidade Federal do Ceará, 1983

MEIHY, José Carlos Sebe B. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo. Contexto, 2007.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias” In: *Projeto História*. No. 15, São Paulo: PUC, 1997.